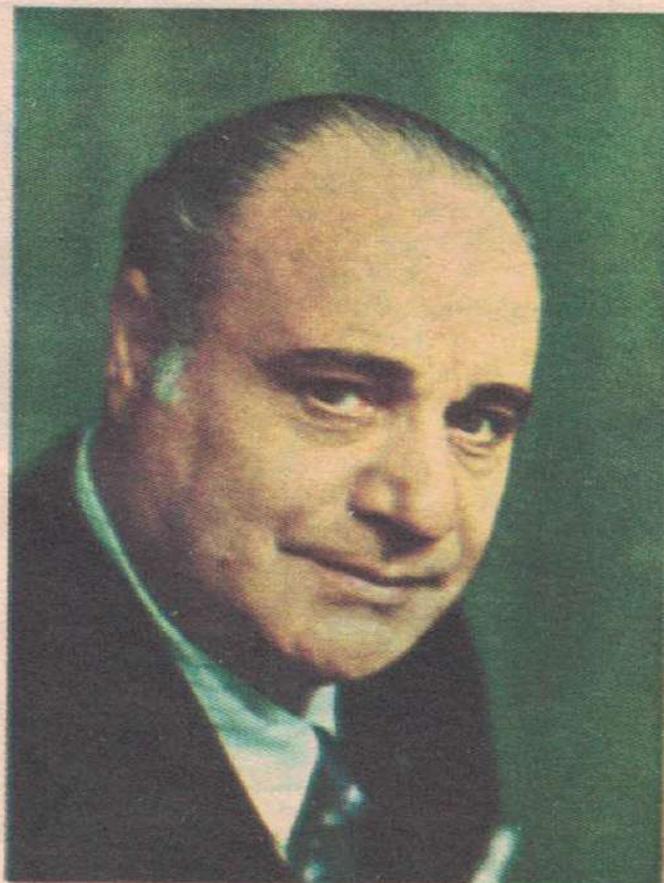


Durante 41 anos, ele se dedicou aos admiradores da ópera, por todo o mundo, não apenas devido ao seu perfeccionismo profissional, mas também ao seu verdadeiro prazer de cantar



A VOZ Inesquecível de BENIAMINO GIGLI

LUIGI RICCI,
narrado a ALESSANDRA FRASER

ENCONTREI Beniamino Gigli, pela primeira vez, no outono de 1911. Ele principiava seus estudos de canto na Academia de Santa Cecília, em Roma, onde eu aprendia piano e composição, e também fazia acompanhamentos durante as aulas práticas. Fiquei fascinado pela firme determinação daquele rapaz do interior e pela sua dedicação à música. Ele haveria de se tornar o maior tenor do mundo, e eu já pressentia isso desde então.

A vida não era fácil para Gigli. Para arranjar dinheiro, tocava saxofone num conjunto, em Recanati. Em Roma, trabalhava numa farmácia, e fazia as refeições num seminário local, onde a generosa cozinheira lhe passava restos de comida pela janela dos fundos. Em 1908, foi recrutado pelo exército, e uma condessa, para quem havia trabalhado como criado, teve pena dele, e o recomendou a um coronel, para que este lhe arranjasse colocação em Roma. O coronel pediu

a Gigli que cantasse. O rapazinho nervoso, de 19 anos, cantou uma ária; o oficial sorriu. Gigli poderia ficar em Roma, como telefonista militar, e prosseguir suas lições sob uma condição: que o coronel ganhasse um bilhete na primeira fila, na noite da primeira apresentação de Gigli no Teatro Reale dell'Opera, em Roma.

Foi em 1913 que Gigli e eu nos tornamos verdadeiramente amigos. Eu queria fazer uma festa para minha mãe, e perguntei a Gigli se ele poderia cantar. Ficou muito satisfeito, porque o convite significava uma refeição grátis. Naquela noite, cantou quase sem parar. Vários dias depois, após a aula, enfiei algum dinheiro no seu bolso, pela apresentação. Era a primeira vez que alguém pagava para ouvir sua voz maravilhosa. Ele parou, aturdido, gaguejando: «Muito obrigado, Riccetto, muito obrigado!»

Depois de três anos na Academia, onde estudou com o maestro Antonio Cotogni, Gigli entrou pela primeira vez num concurso de canto, em Parma. Ganhou o primeiro prêmio. Um dos membros do júri escreveu o seguinte comentário entusiástico na prova de Beniamino: «Finalmente, encontramos *O tenor*.» «O tenor» estava sublinhado três vezes, a vermelho.

Incentivado por aquele triunfo e pelos convites de dezenas de companhias de ópera italianas, Gigli fez sua estréia oficial em *La Gioconda*, num pequeno teatro, em Rovigo. Quando chegou sua vez, atuou como um profissional. O maestro Tullio Serafin o convidou para cantar em

Gênova e, depois, em Palermo. Os convites se sucediam. Gigli, aos 24 anos, estava a caminho da glória.

«**Ser apenas Gigli.**» Encontrei Gigli, em Roma, na primavera seguinte. Estava cheio de confiança, e voltara para se casar com Constanza Cerroni, a quem havia conhecido nos tempos de estudante. Mas o início da guerra cortou logo sua lua-de-mel, e Gigli foi cantar para os soldados, em quartéis e hospitais. E após essa atuação, ainda ia cantar em espetáculos regulares, numa sala de ópera local, à noite.

Durante esse agitado período de sua carreira, Gigli e eu mantivemos contato por carta e através de amigos. Soube do seu primeiro contrato para cantar na Espanha, e de um convite pessoal de Arturo Toscanini para se apresentar com ele no *Mefistofele*, no La Scala. Tinha apenas 29 anos.

As Américas foram sua meta seguinte. Os argentinos, grandes apreciadores de ópera, o aplaudiram por cinco meses, em 1919, no famoso Teatro Colón, de Buenos Aires. Em pouco tempo, ouvi rumores sobre um ambicionado convite para ir a Nova York. Poderia Gigli cantar o *Mefistofele*, no Metropolitan? Era uma situação muito delicada. O outro tenor, Enrico Caruso, cantava lá havia 16 anos, e não tinha nenhuma intenção de repartir sua glória com nenhum principiante. Gigli aceitou esportivamente. Aos repórteres que lhe perguntavam, Gigli afirmava: «Caruso é o nosso maior tenor.» A rivalidade iria durar pouco. Caruso morreu, e Gigli assinou contrato com o Metro-



Beniamino Gigli, no papel de Alfredo, com sua filha Rina, no papel de Violetta, interpretando um dueto, na Traviata, em Joanesburgo, 1953

litan, como o cantor mais bem pago da casa. Só então chamou a família para Nova York. Assim, Constanza, sua filha Rina, e Enzo, seu filho menor, atravessaram o Atlântico.

Gigli se recusou a imitar Caruso, dizendo: «Quero ser apenas Gigli.» «Ser Gigli» era o suficiente para seus admiradores norte-americanos, e, nos 11 anos seguintes, houve uma espécie de «romance» entre eles. Amigo pessoal dos prefeitos de Nova York, como Jimmy Walker e Fiorello La Guardia, Gigli também foi feito capitão honorário da força policial de Nova York. O Presidente Coolidge convidou-o para cantar na Casa Branca.

Embora idolatrado pelo público norte-americano, mantinha a intenção

de permanecer italiano, e ia frequentemente ao bairro italiano de Nova York, onde poderia se fazer cercar por seus compatriotas. Nos momentos de folga, fiel ao seu caráter, oferecia seu talento vocal às causas de caridade, muitas ligadas à Itália. Para o Hospital Italiano de Nova York, por exemplo, doou 50 mil dólares em rendas de concertos. Invariavelmente, quando lhe perguntavam a quem devia sua fabulosa voz, respondia: «Ao meu país.»

Canção de agradecimentos. A cada verão, depois de encerrada a temporada de ópera, Gigli retornava, com sua família, à Itália. Como grande celebridade, tinha uma escolta policial até o navio. Sua maneira de agradecer era cantando a famosa

canção napolitana, «O Sole Mio», nas docas de Nova York.

Seu lar era o de sempre: Recanati, a pequena vila, na costa do Adriático, onde nascera. Lá, ele jogava *bocce* com velhos amigos, e cantava na missa de domingo, como fazia quando criança. Gigli escreveu em sua biografia: «Nasci com uma voz e quase nada mais.» A diferença, agora, era que ele podia viver numa suntuosa *villa* de 60 dependências, e instalar sua mãe numa confortável casa própria. Nesses verões idílicos, levou famosos colegas seus, para que cantassem com ele na praça principal da cidade — Licia Albanese, Toti dal Monte, Maria Caniglia. O dinheiro recolhido era para a Cruz Vermelha da cidade, para o hospital, para o lar dos velhinhos e para a banda de música local.

Mas havia «pedras no caminho». Após a queda do mercado de ações em Wall Street, em 1929, o Metropolitan pediu aos seus grandes astros para que, voluntariamente, reduzissem seus salários de 25%. Gigli, que estava ganhando aproximadamente 300 mil dólares por ano, abruptamente, rescindiu o contrato. Em 1932, levou a família para a Itália, e voltamos a nos reunir quando ele me convidou para ser o seu pianista e acompanhante. Fizemos 18 excursões, por mais de 50 cidades européias, e diversas viagens à América do Sul.

Tornei-me o seu acompanhador oficial e seu melhor amigo. Gigli adorava jogar cartas: *rummy*, escopa. O Maestro Rainaldo Zamboni recorda que ele acreditava firmemente

que todos os cantores de ópera deveriam jogar cartas, porque era o meio mais agradável de passar o tempo, sem expor a voz às mudanças de temperatura, fora de casa. Gigli era diabético, mas, como *gourmets*, nós nos dispensávamos magníficas refeições, e sua cintura continuava aumentando. Às vezes, Gigli saía para uma caminhada, ou para ver um de seus filmes favoritos, os de *bague-bague*.

«**Minha vida é o palco.**» Quando viajei pela Europa com Gigli, surpreendi-me com o seu profissionalismo. Tínhamos de praticar sem descanso. Ele era o primeiro a chegar, à noite, com o teatro ainda às escuras; aplicava sua maquilagem, e inspecionava o guarda-roupa, confeccionado por seu próprio alfaiate. Evitava o ar refrigerado, que poderia fazer mal à voz. Nas noites de espetáculo, levava pedacinhos de pão torrado, embebidos em leite, para acalmar a laringe. Certa vez, decidiu fazer dieta, quando um amigo lhe disse como ficava ridículo, fazendo aqueles papéis românticos e sendo tão obeso. Um Gigli mais elegante reapareceu diante do público, mas voltou a engordar, pois ele achava que a dieta lhe enfraquecia a voz.

Foi o seu grande senso de perfeição que o levou a pisar os palcos com presença e confiança. Uma vez, em São Francisco, estava cantando *Lucia di Lammermoor* quando chegou um telegrama anunciando-lhe a morte da mãe. Sua secretária escondeu-lhe a notícia, mas, no intervalo entre os atos, disse-lhe que a mãe estava muito doente. Gigli, porém, entendeu e,

com a voz velada pela tristeza, cantou a ária «Tu che a Dio spiegasti l'ali» (Tu que estendeste as asas para Deus), mais comovedor do que nunca. Cantou durante 41 anos, com um espantoso repertório de 60 óperas; nenhum outro tenor pôde sequer chegar perto de seu sucesso.

«Como aquele homem gostava de cantar!», relembra Dino Gasperi, *ponto* de ópera. E o próprio Gigli me disse: «Minha vida é o palco.»

Por toda a sua dedicação, Gigli poderia brincar jocosamente com a platéia. O barítono Carlo Tagliabue se lembra de uma brincadeira, durante uma apresentação da *Forza del Destino*, de Verdi, em São Francisco. Eles cantavam um dueto — Gigli, dramaticamente, morrendo num banco, e Tagliabue, vigorosamente, de pé. Quando o dueto acabou, presumivelmente com Gigli morto, o público aplaudiu. Sem a menor hesitação, Gigli se ergueu do banco para agradecer, curvando-se. Por cinco minutos, deitou-se e levantou-se, como se estivesse «morto» e ressuscitasse, sorrindo maliciosamente para a platéia, que aceitou tudo com bom humor. Talvez o momento mais importante de sua carreira tenha sido no Teatro Regio, de Parma, em 1945. Naquela noite, como Alfredo, em *La Traviata*, ele estava particularmente terno. No palco, pela primeira vez, para cantar ao seu lado, havia um soprano muito especial — sua filha Rina.

Um verdadeiro cantor de ópera.

À medida que o tempo passava e a intensidade de seu trabalho aumentava, a saúde de Gigli ia se deteriorando,

e as apresentações passaram a ser mais espaçadas, o que me levou a retornar a Roma, para ensinar a novos estudantes de canto e ensaiar com cantores mais experimentados. Enquanto isso, um coração enfraquecido forçava Gigli a cancelar seus compromissos. Até então, sua saúde decadente não tinha sido motivo para que ele quebrasse um só compromisso. Algum tempo depois, estava recuperado, para cantar com Rina, em *L'Amico Fritz*, no Teatro de San Carlo, em Nápoles. Apesar das dores constantes, insistiu em terminar o espetáculo. Ao fechar da cortina, uma ambulância o levou rapidamente a Roma, para ser operado, devido a ruptura de um abscesso.

Por volta de 1954, um Gigli verdadeiramente cansado e doente se esgotou numa série de concertos de despedida, nos Estados Unidos e na Europa, e se retirou para a pacata *villa* da família, em Roma. Finalmente, em fins de novembro de 1957, aos 67 anos, e com a saúde debilitada e complicada por gripe e pneumonia, sofreu um ataque cardíaco. A última vez que o vi foi no seu papel mais autêntico, o do homem simples de Recanati, com aquela voz magnífica. Não estava se curvando para uma platéia entusiástica. Estava sentado, aprumado, jogando cartas, no jardim de sua *villa* em Roma, com um chapéu de abas largas para protegê-lo do sol. Beniamino estava falando sobre o palco que ele tanto amou, e jogando cartas com velhos amigos... como achava que deviam fazer todos os bons cantores de ópera.